



Presidentes da Igreja

Suplemento do Manual do Aluno

Religião 345

Capítulo 16

Thomas S. Monson

DÉCIMO SEXTO PRESIDENTE DA IGREJA



DESTAQUES DA VIDA DE THOMAS S. MONSON

Idade Acontecimentos

- Nasceu em 21 de agosto de 1927 em Salt Lake City, Utah, filho de G. Spencer e Gladys Condie Monson.
- 12 Trabalhou em regime de meio período com o pai na Western Hotel Register Company, uma empresa tipográfica. Esse trabalho foi uma prévia de sua carreira na indústria gráfica.
 - 17 Ingressou como calouro na Universidade de Utah (outono, 1944).
 - 18 Fez o treinamento básico na Reserva Naval dos Estados Unidos (6 de outubro de 1945).
 - 19 Voltou para casa e prosseguiu seus estudos.
 - 21 Formou-se com honras em administração de empresas na Universidade de Utah. Começou a trabalhar para o jornal *Deseret News*. Casou-se com Frances Beverly Johnson no Templo de Salt Lake (7 de outubro de 1948).
 - 22 Foi apoiado bispo da ala em que passou sua infância em Salt Lake City (7 de maio de 1950).
 - 26 Foi nomeado gerente geral adjunto da *Deseret News Press*.
 - 27 Foi chamado para conselheiro na presidência da Estaca Temple View, em Salt Lake City (16 de junho de 1955).
 - 31 Foi chamado para presidente da Missão Canadense, sediada em Toronto, Ontário, Canadá (21 de fevereiro de 1959).
 - 35 Depois de servir como presidente de missão, voltou para Salt Lake City. Foi nomeado gerente geral da *Deseret Press*. Nessa época, também serviu no Comitê de Correlação de Adultos.
 - 36 Foi ordenado membro do Quórum dos Doze Apóstolos (10 de outubro de 1963).
 - 41 Serviu como membro da Diretoria Executiva Nacional dos Escoteiros da América (1969). Continua a ser membro dessa diretoria.
 - 46 Publicou seu primeiro livro, *Pathways to Perfection*, (1973).
 - 47 Dedicou a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) para o avanço da obra do Senhor (27 de abril de 1975).
 - 51 Foi nomeado presidente e chefe do conselho da *Deseret News Publishing Company*.
 - 54 Foi nomeado pelo Presidente Ronald Reagan para servir na Força Tarefa do Presidente para Iniciativas do Setor Privado (dezembro de 1981).
 - 55 Presidiu a cerimônia de abertura de terra e a dedicação do terreno do Templo de Freiberg Alemanha (23 de abril de 1983).
 - 58 Foi chamado para conselheiro do Presidente Ezra Taft Benson (10 de novembro de 1985).
 - 61 Juntamente com outras autoridades gerais, foi recebido por Erich Honecker, secretário geral da República Democrática Alemã, numa reunião em que foi dada permissão para que missionários de outros países servissem na Alemanha e que também fossem chamados missionários da própria Alemanha para servir (28 de outubro de 1988).
 - 66 Foi chamado para conselheiro do Presidente Howard W. Hunter (5 de junho de 1994).
 - 67 Foi chamado para conselheiro do Presidente Gordon B. Hinckley (12 de março de 1995).
 - 80 Tornou-se Presidente da Igreja (3 de fevereiro de 2008).



Família de G. Spencer e Gladys Condie Monson

HERDOU UM LEGADO PIONEIRO DE FÉ

O Presidente Thomas S. Monson fez o seguinte relato referente à sua herança pioneira:

“Na primavera de 1848, meus trisavós, Charles Stewart Miller e Mary McGowan Miller, que tinham-se filiado à Igreja em sua terra natal, a Escócia, partiram de sua casa em Rutherglen, Escócia, e viajaram até St. Louis, Missouri, com um grupo de santos, ali chegando em 1849. (...)”

Enquanto a família estava em St. Louis, trabalhando para juntar dinheiro e concluir sua viagem até o Vale do Lago Salgado, uma epidemia de cólera varreu a região, deixando atrás de si uma esteira de morte e sofrimento. A família Miller sofreu muito. No espaço de duas semanas, quatro membros da família morreram. O primeiro, em 22 de junho de 1849, foi William, de dezoito anos. Cinco dias depois, Mary McGowan Miller, minha trisavó e mãe da família, morreu. Dois dias depois, Archibald, de quinze anos, faleceu e cinco dias após a sua morte, meu trisavô, Charles Stewart Miller, pai da família, também morreu. Os filhos sobreviventes ficaram órfãos, inclusive minha bisavó Margaret, que tinha treze anos na época. (...)”

Pouco ficou registrado sobre o sofrimento e as dificuldades enfrentadas pelos nove filhos remanescentes da família Miller, que continuaram a trabalhar e a economizar para a viagem que seus pais e irmãos jamais fariam. Sabemos que eles partiram de St. Louis na primavera de 1850, com quatro bois e um carroção, chegando finalmente ao Vale do Lago Salgado naquele mesmo ano.

Outros antepassados meus enfrentaram dificuldades semelhantes. Apesar de tudo, porém, seu testemunho continuou firme e forte. De todos eles, recebi um legado de total dedicação ao evangelho de Jesus Cristo. Graças à fidelidade deles, estou aqui diante de vocês hoje” (*Conference Report*, abril de 2008, pp. 87–88; ou *Ensign e A Liahona*, maio de 2008, pp. 88–89).

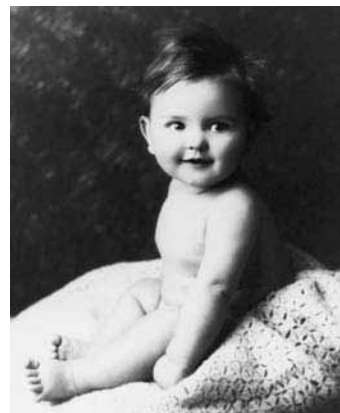
SENTIU GRATIDÃO PELA FÉ EXERCIDA POR SEU AVÔ MISSIONÁRIO

O Élder Thomas S. Monson, quando era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, expressou gratidão por seu legado missionário, lembrando dois trechos do diário de seu avô: “Adoro ler o diário missionário do meu avô. As duas primeiras anotações são um clássico. Ele escreveu: ‘Casei-me hoje no Templo de Salt Lake com a garota dos meus sonhos’. Logo na noite seguinte, está escrito em seu diário: ‘Hoje o bispo veio até nossa casa. Pediram-me que retornasse à Escandinávia para uma missão de dois anos. É claro que vou, e minha querida esposa vai ficar em casa e me sustentar.’ Sinto-me grato por meu legado missionário” (*Conference Report*, outubro de 1984, p. 53; ou *Ensign*, novembro de 1984, p. 41).

DESENVOLVEU COMPAIXÃO EM SUA JUVENTUDE

O Élder Thomas S. Monson, quando era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, narrou o seguinte exemplo da influência que sua mãe exerceu em sua vida para ajudá-lo a desenvolver compaixão pelo próximo:

“Quando eu tinha uns dez anos, na época do Natal, eu queria muito ganhar um trem elétrico. Não apenas um modelo barato de corda que podia ser encontrado em qualquer lugar, mas, sim, um que funcionasse pelo milagre da eletricidade.



Fotografia de Thomas S. Monson quando bebê



Fotografia da infância de Thomas S. Monson

Era época de depressão econômica, mas meu pai e minha mãe, com algum sacrifício, sem dúvida, presentearam-me na manhã de Natal com um belo trem elétrico. Por várias horas, fiz o transformador funcionar, observando a locomotiva puxar os vagões para frente, depois para trás, nos trilhos.

Minha mãe entrou na sala e disse que havia comprado um trem de

No entanto, percebi que um vagão do tipo tanque de óleo fazia parte do conjunto mais barato. Meu trem não tinha aquele vagão, e comecei a sentir as dores da inveja. Fiz tanto rebuliço que minha mãe cedeu a minhas súplicas e me deu o vagão tanque. Ela disse: ‘Se você precisa disso mais do que o Mark, fique com ele’. Engatei-o no meu trem e fiquei satisfeito com o resultado.

Minha mãe e eu levamos os outros vagões e a locomotiva até a casa de Mark Hansen. O menino era um ou dois anos mais velho que eu. Ele jamais imaginara que ganharia um presente assim e ficou sem palavras de tanta alegria. Deu corda na sua locomotiva, que não era elétrica como a minha, e ficou extremamente feliz quando a locomotiva e os dois vagões, mais um carro-freio, rodaram pelos trilhos.

Minha mãe perguntou, com sabedoria: ‘O que você acha do trem do Mark, Tommy?’

Tive uma forte sensação de culpa e fiquei muito ciente do meu egoísmo. Eu disse para minha mãe: ‘Espere um pouco — volto já.’

Corri o mais rápido que pude até nossa casa, peguei o carro tanque de óleo e mais um outro vagão do meu trem, corri de volta pela rua até a casa da família Hansen e disse alegremente para o Mark: ‘Esquecemos de trazer dois vagões que fazem parte do seu trem’.

Mark engatou os dois vagões ao seu trem. Fiquei olhando a locomotiva seguir com esforço pelos trilhos e senti uma imensa alegria, difícil de descrever e impossível de esquecer” (*Conference Report*, abril de 1977, p. 107; ou *Ensign*, maio de 1977, pp. 72–73).

Em outra ocasião, o Élder Monson contou como o exemplo de bondade do avô também exerceu grande influência em sua vida quando menino:

“[O Velho Bob] era viúvo, passado dos oitenta, quando a casa em que morava ia ser demolida. Ouvi-o falar de seu problema ao meu avô, um dia em que nós três estávamos sentados



A pescaria foi seu hobby durante toda a sua vida.

na varanda da frente. Com a voz lamentosa, disse: ‘Sr. Condie, não sei o que fazer. Não tenho família. Não tenho para onde ir. Não tenho dinheiro’. Fiquei imaginando o que vovô responderia. Vagarosamente, vovô enfiou a mão no bolso, tirou a velha carteira da qual provinham as moedinhas para um doce, quando pedíamos. Dessa vez, tirou dela uma chave e a entregou ao Velho Bob, dizendo bondosamente: ‘Bob, tome a chave da casa que tenho aqui do lado. Fique com ela. Traga

suas coisas para cá e use-a enquanto quiser. Não precisa pagar aluguel e ninguém nunca vai mandá-lo sair’.

Os olhos do Velho Bob se encheram de lágrimas, escorreram-lhe pelas faces, sumindo na longa barba branca. Os olhos de vovô também estavam úmidos. Fiquei calado, mas naquele dia vovô me impressionou de verdade. Senti orgulho de ter o mesmo nome que ele. Embora na época fosse apenas um garotinho, aquela lição influenciou minha vida inteira” (*Conference Report*, abril de 1981, p. 66; ou *Ensign*, maio de 1981, p. 48).

ELE APRENDEU COM UMA INFLUENTE PRESIDENTE DA PRIMÁRIA

O Presidente Thomas S. Monson aprendeu com uma líder da Primária que o amor pode prover soluções para situações difíceis:

“Num dia de inverno, lembrei-me de algo que aconteceu quando eu era menino. Eu tinha só onze anos. Nossa presidente da Primária, Melissa, era uma senhora idosa, grisalha e amorosa. Certo dia, na Primária, Melissa pediu-me que ficasse um pouco mais para conversar com ela. Nós dois nos sentamos na capela vazia. Ela pôs o braço em meu ombro e começou a chorar.

Surpreso, perguntei por que ela estava chorando.

Ela respondeu: ‘Parece que não consigo fazer com que os meninos dos Trail Builders fiquem reverentes na abertura da Primária. Estaria disposto a me ajudar, Tommy?’

Prometi a Melissa que faria isso. Por estranho que me parecesse, embora não para Melissa, aquilo deu fim ao problema de reverência na Primária. Ela tinha ido à fonte do problema — eu. A solução foi o amor.

Os anos se passaram. A maravilhosa Melissa, já então com mais de noventa anos, morava numa casa de repouso na parte noroeste da Cidade de Salt Lake City. Pouco antes do Natal, decidi visitar minha querida presidente da Primária. (...)

Encontrei Melissa no refeitório. Estava olhando para seu prato de comida, cutucando-o com o garfo que segurava com a mão envelhecida. Não tinha comido nada. Falei com ela, e minhas palavras foram recebidas com um olhar bondoso, mas vazio. Peguei o garfo e comecei a dar de comer a Melissa, falando o tempo todo do serviço que ela prestara para os



Fotografia da infância de Thomas S. Monson

meninos e meninas quando trabalhava na Primária. Não houve um único sinal de reconhecimento, muito menos uma palavra proferida. Dois outros moradores da casa de repouso olharam para mim com perplexidade. Por fim, disseram: ‘Não fale com ela. Ela não conhece ninguém — nem os da própria família. Não disse uma única palavra em todos esses anos desde que chegou aqui’.

O horário de almoço terminou. Minha conversa solitária chegou ao fim. Levantei-me para ir embora. Segurei sua frágil mão na minha, olhei para seu rosto enrugado, mas belo, e disse: ‘Deus a abençoe, Melissa. Feliz Natal’.

De repente, ela disse: ‘Eu conheço você. Você é Tommy Monson, meu menino da Primária. Como eu amo você’. Levou minha mão aos lábios e a beijou com amor” (*Conference Report*, outubro de 1987, pp. 82–83; ou *Ensign*, novembro de 1987, p. 69).

APRENDEU COM A OPORTUNIDADE DE DISTRIBUIR O SACRAMENTO

Thomas S. Monson ansiava por receber o Sacerdócio Aarônico e ser ordenado diácono. O seguinte relato ilustra uma experiência que teve com o sacerdócio quando era jovem:

“(...) lembro-me de quando fui ordenado diácono. Nosso bispado salientou a responsabilidade sagrada que tínhamos de distribuir o



Thomas S. Monson, com aproximadamente 12 anos

sacramento. Enfatizou a importância de nos vestirmos adequadamente, de nos comportarmos dignamente e de estarmos limpos por dentro e por fora. Quando nos ensinaram a maneira de distribuir o sacramento, fomos dito que deveríamos ajudar Louis McDonald, um irmão de nossa ala que sofria de um tipo de paralisia, de modo que ele tivesse a oportunidade de partilhar dos emblemas sagrados.

Lembro-me muito bem de quando fui designado para servir o sacramento à fileira em que o irmão McDonald estava sentado. Quando, temeroso e hesitante, eu me aproximei daquele irmão maravilhoso, vi o seu sorriso e sua expressão de ávida gratidão manifestando seu grande desejo de tomar o sacramento. Segurando a bandeja com a mão esquerda, peguei um pedacinho de pão e o coloquei em seus lábios. Depois, servi a água da mesma maneira. Senti que pisava em

solo sagrado. E pisava mesmo. O privilégio de levar o sacramento para o irmão McDonald fez de todos nós melhores diáconos” (*Conference Report*, outubro de 2005, p. 59; ou *Ensign* e *A Liahona*, novembro de 2005, p. 56).

SALVOU A VIDA DE UMA JOVEM

Desde bem jovem, Thomas S. Monson viu como a mão de Deus podia guiar sua vida. Ele contou a seguinte experiência que teve quando jovem, ao boiar num rio:

“Aprendi a nadar num rio de fortes correntezas, o Rio Provo, no belo desfiladeiro de Provo. O lugar onde nadávamos era fundo, formado por uma grande rocha que havia caído no rio. (...) Era um local perigoso, com uma profundidade de mais ou menos cinco metros; a correnteza fluía rapidamente em direção à grande rocha e os redemoinhos puxavam para debaixo dela. Não era lugar para um nadador pouco experiente.

Numa tarde quente de verão, quando eu tinha doze ou treze anos, peguei a câmara de ar do pneu de um trator, coloquei-a no ombro e segui descalço pela linha do trem que acompanhava o curso do rio. Entrei na água cerca de um quilômetro e meio antes do lugar onde nadávamos, sentei-me na câmara de ar e fui boiando na correnteza. Não tinha medo do rio, pois conhecia seus segredos. (...)

Eu estava para entrar com minha câmara na parte em que a correnteza era mais forte, quando ouvi gritos desesperados: ‘Salvem-na! Salvem-na!’ Uma jovem, acostumada às águas paradas de uma piscina, caíra da rocha nos traiçoeiros redemoinhos. Ninguém do grupo sabia nadar para salvá-la. De repente, eu apareci na cena que poderia transformar-se em tragédia. Vi a cabeça afundar umas três vezes, prestes a descer de vez à sepultura das águas. Estiquei a mão, agarrei-a pelos cabelos e puxei-a para minha boia, tomando-a nos braços. Na parte rasa a correnteza era mais fraca e foi para lá que remei a fim de entregar minha preciosa carga a seus parentes e amigos. Eles abraçaram a jovem encharcada e beijaram-na, dizendo chorando: ‘Graças a Deus! Graças a Deus você está salva!’ Depois me abraçaram e beijaram. (...) Percebi que havia acabado de salvar uma vida. O Pai Celestial ouvira os gritos: ‘Salvem-na! Salvem-na!’ e permitira que eu, um diácono, estivesse presente quando fora preciso. Naquele dia aprendi que o melhor sentimento da mortalidade é perceber que Deus, nosso Pai Celestial, conhece cada um de nós e generosamente nos permite ver e partilhar de Seu divino poder de salvar” (*Conference Report*, outubro de 1995, pp. 65–66; ou *Ensign*, novembro de 1995, pp. 48–49).

RECEBEU UMA LIÇÃO SOBRE A LIDERANÇA DO SACERDÓCIO

O Presidente Thomas S. Monson lembrou como um consultor do Sacerdócio Aarônico o ajudou a aprender, quando jovem, a importância de expressar amor aos outros para que voltem a ficar ativos na Igreja:

“Pouco depois de eu ter sido ordenado mestre no Sacerdócio Aarônico, fui chamado para servir como presidente do quórum. Nosso consultor, Harold, preocupava-se muito conosco, e sabíamos disso. Certo dia, ele me disse: ‘Tom, você gosta de criar pombos, não é?’

Respondi animadamente que sim.

Então ele disse: ‘Gostaria que eu lhe desse um casal de pombos puro-sangue da raça Birmingham Roller?’

Dessa vez, respondi: ‘Sim, senhor!’ Os pombos que possuíamos eram comuns, apanhados com armadilhas que colocávamos no telhado da Escola Fundamental Grant.

Ele convidou-me a ir à sua casa na noite seguinte. O dia seguinte foi o mais longo de minha vida de jovem. Eu estava esperando meu consultor voltar do trabalho, uma hora antes de ele chegar à sua casa. Ele me levou para o pombal, que ficava na parte superior de um pequeno estábulo nos fundos de seu quintal. Enquanto eu olhava para aqueles pombos, os mais bonitos que eu já tinha visto, ele disse: ‘Escolha qualquer macho, e eu lhe darei uma fêmea que é diferente de todos os outros pombos do mundo’. Fiz a minha escolha. Então, ele colocou-me nas mãos uma pombinha bem pequena. Perguntei o que a tornava tão diferente dos outros. Ele respondeu: ‘Olhe cuidadosamente e você verá que ela tem um olho só’. Sem dúvida, um olho estava faltando. Um gato devia ter feito o estrago. ‘Leve-os para casa para o seu pombal’, aconselhou ele. ‘Mantenha-os ali por dez dias, e depois solte-os para ver se ficam no seu pombal.’

Segui as instruções do Harold. Quando os soltei, o pombo macho passeou um pouco pelo telhado do pombal, depois voltou para dentro para comer. Mas a fêmea de um olho só foi-se embora imediatamente. Liguei para o Harold e perguntei: ‘A pomba de um olho só voltou para o seu pombal?’

‘Venha para cá’, disse ele, ‘e daremos uma olhada.’

Quando caminhávamos da porta da sua cozinha até o pombal, meu consultor comentou: ‘Tom, você é o presidente do quórum de mestres’. Isso, é claro, eu já sabia. Então, ele acrescentou: ‘O que você vai fazer para ativar o Bob, que é um membro do seu quórum?’



Thomas S. Monson com dois de seus pombos

Respondi: ‘Vou fazer com que ele venha para a reunião do quórum nesta semana.’

Ele, então, estendeu o braço até o alto de um ninho especial e entregou-me a pomba de um olho só. ‘Deixe-a presa por alguns dias e depois tente novamente.’ Foi o que fiz, e ela voltou a desaparecer. Então ouvi novamente: ‘Venha até aqui e vamos ver se ela voltou para casa’. Enquanto caminhávamos até o pombal, ele disse: ‘Parabéns por levar o Bob para a reunião do sacerdócio. Agora, o que você e o Bob vão fazer para ativar o Bill?’

‘Vamos fazer com que ele esteja na reunião da próxima semana’, disse eu.

Essa experiência se repetiu muitas vezes. Eu já era adulto quando me dei conta de que o Harold, meu consultor, tinha realmente dado a mim uma pomba especial, a única pomba de seu pombal que sempre voltava para lá quando era libertada. Essa foi a sua maneira inspirada de realizar uma boa entrevista do sacerdócio com o presidente do quórum de mestres a cada duas semanas. Devo muito àquela pomba de um olho só. Devo mais ainda para aquele consultor do quórum. Ele teve a paciência e a habilidade de ajudar a preparar-me para as responsabilidades que eu teria no futuro” (*Conference Report*, outubro de 2004, pp. 60–61; ou *Ensign* e *A Liahona*, novembro de 2004, p. 57).

FOI CHAMADO PARA USAR O SACERDÓCIO QUANDO SERVIA NA MARINHA

Ao completar dezoito anos, Thomas S. Monson alistou-se na Reserva Naval dos Estados Unidos e serviu em San Diego, Califórnia. Sua filha descreveu o caráter honroso do pai nessa época específica de sua vida: “Foi uma época em que, sendo jovem, ele decidiu resistir firmemente a todas as tentações do adversário. (...) Decidiu ser firme, muitas vezes sozinho, e ser contado entre os membros da Igreja de Jesus Cristo. Não foi visitar Tijuana



Thomas S. Monson estudou na escola West High School em Salt Lake City, Utah, e tirou notas excelentes em literatura e história. Foi presidente do Clube Espanhol e sargento do ROTC (subdivisão de treinamento de oficiais da reserva).

[México] com os outros rapazes; não dizia palavrões nem jogava; obedecia à Palavra de Sabedoria; fazia bem o seu trabalho; frequentava a Igreja. (...) Honrava e usava seu sacerdócio. Fez a escolha de guardar os mandamentos do Senhor” (Ann M. Dibb, “My Father Is a Prophet” [devocional da Universidade Brigham Young–Idaho, 19 de

fevereiro de 2008], http://www.byui.edu/Presentations/Transcripts/Devotionals/2008_02_19_Dibb.htm).



Thomas S. Monson com amigos

O Presidente Monson relembrou uma experiência que teve na qual exerceu o poder do sacerdócio durante seu treinamento básico ao servir em San Diego, Califórnia:

“Na noite anterior à nossa licença de Natal, nossos pensamentos estavam, como sempre, em casa. Os alojamentos estavam silenciosos. De repente, percebi que meu amigo do beliche ao lado — um membro da Igreja, Leland Merrill — estava gemendo de dor. Perguntei: ‘Qual é o problema, Merrill?’

Ele respondeu: ‘Estou me sentindo mal. Muito mal’.

Aconselhei-o a procurar a farmácia da base, mas ele respondeu que isso o impediria de voltar para casa no Natal. Então sugeri que ele permanecesse em silêncio, para não acordar os demais no alojamento.

As horas se passaram; seus gemidos se tornaram mais fortes. Então, em desespero, ele sussurrou: ‘Monson, você não é élder?’ Respondi que sim, então ele suplicou: ‘Dê-me uma bênção’.

Dei-me conta do fato de que nunca dera uma bênção antes. Nunca tinha recebido esse tipo de bênção; nunca tinha visto uma bênção como essa ser dada. Minha oração a Deus foi um pedido de ajuda. A resposta veio: ‘Olhe no fundo de sua sacola de marinheiro’. Assim, às duas da manhã, esvaziei no chão o conteúdo da sacola. Sob a tênue luz da noite, peguei aquele objeto duro e retangular, o *Manual Missionário*, [que havia sido colocado no fundo da sacola para ajudar a firmar as roupas,] e li o que devia fazer para abençoar os



Em uniforme naval

enfermos. Com aproximadamente cento e vinte marinheiros curiosos olhando, dei a bênção. Antes que eu terminasse de guardar as minhas coisas, Leland Merrill dormia como um bebê.

Na manhã seguinte, Merrill virou-se sorridente para mim e disse: ‘Monson, fico feliz por você ter o sacerdócio!’ Sua felicidade só era superada por minha gratidão — gratidão não apenas pelo sacerdócio, mas por ter sido digno de receber a ajuda que pedi num momento de extrema necessidade, e de exercer o poder do sacerdócio” (*Conference Report*, abril de 2007, p. 59; ou *Ensign e A Liahona*, maio de 2007, p. 58).

NAMOROU FRANCES JOHNSON

Thomas S. Monson deparou-se com uma reação inesperada de seus futuros sogros quando começou a namorar Frances Johnson. Ele disse:

“Assim que conheci Frances, soube que ela era a pessoa certa para mim. O Senhor fez com que nossos caminhos se cruzassem algum tempo depois e eu a convidei para sair comigo. Fui buscá-la em casa e ela apresentou-me ao pai, que perguntou: ‘Monson (...) esse nome não é sueco?’

‘É’, eu respondi.

E ele disse: ‘Bom’.

Depois ele foi a um outro cômodo de onde voltou trazendo a foto de dois missionários usando cartola e segurando um Livro de Mórmon cada um.

‘Você é parente deste Monson?’, perguntou, ‘do Elias Monson?’

E respondi: ‘Sou, ele é irmão do meu avô. Ele também foi missionário na Suécia’.

Meu sogro chorou. Ele chorava fácil. E disse: ‘Ele e o companheiro foram os missionários que ensinaram o evangelho a minha mãe, ao meu pai, a todos os meus irmãos e a mim’” (*Conference Report*, abril de 2008, p. 112; ou *Ensign e A Liahona*, maio de 2008, p. 111).

SUA ESPOSA, FRANCES, TEM SIDO UM APOIO CONSTANTE

O romance entre Thomas Monson e Frances Johnson floresceu, e eles se casaram no Templo de Salt Lake em 7 de outubro de 1948. A irmã Monson descreveu como apoiava o marido em seu serviço na Igreja desde os primeiros anos de seu casamento: “Tom estava servindo como secretário da ala e depois como superintendente da AMM [Associação



Thomas e Frances Monson no dia de seu casamento, 7 de outubro de 1948

de Melhoramentos Mútuos dos Rapazes] quando nos casamos, e foi uma designação atrás da outra desde essa época. (...) Alguns perguntam como é que uma jovem recém-casada consegue se adaptar a isso, mas nunca foi um sacrifício ver meu marido trabalhar na obra do Senhor. Isso tem abençoado a mim e também a nossos filhos. Ele sempre soube que se era para a Igreja, eu esperava que ele fizesse o que tinha de fazer” (citado por Jeffrey R. Holland, “President Thomas S. Monson: Man of Action, Man of Faith, Always ‘on the Lord’s Errand’”, *Ensign*, fevereiro de 1986, p. 14).



Thomas e Frances Monson

Devido aos chamados do marido na Igreja, que começaram logo no início de seu casamento, a irmã Monson raramente se sentou ao lado do marido em 60 anos de reuniões da Igreja. “Mas”, observou o Presidente Monson, “ela nunca reclamou. (...) Nem uma vez sequer. Nunca em toda a nossa vida de casados ela fez algo para impedir-me de realizar qualquer aspecto de meu serviço. Nunca recebi nada que não fosse apoio e incentivo da Frances” (citado por Jeffrey R. Holland, “President Thomas S. Monson: Finishing the Course, Keeping the Faith”, *Ensign*, setembro de 1994, p. 16).



Thomas e Frances Monson com os filhos, Tom, Clark e Ann, aproximadamente em 1960

Referindo-se à influência da mãe, Ann Monson Dibb declarou: “Quando éramos crianças, as responsabilidades de meu pai como membro do Conselho dos Doze frequentemente exigiam que ele se ausentasse de casa. Muitas vezes, meu pai visitava as missões do mundo inteiro, ficando fora por cinco ou seis semanas cada vez que viajava. Minha mãe nos explicava que ele estava fazendo seu dever e que seríamos cuidados e protegidos sempre que ele estivesse fora. Ela nos transmitia essa mensagem não apenas com palavras, mas com sua maneira tranquila de cuidar para que tudo que precisasse ser feito sempre fosse realizado. Minha mãe não se parece com muitas das mulheres da geração atual. Em vez de buscar reconhecimento do mundo, ela sempre recebeu a confirmação de seu valor por meio de coisas como o sorriso alegre de um filho ou os bracinhos estendidos de um neto. (...) Ao refletir sobre as muitas bênçãos que recebi como filha de um Apóstolo do Senhor, a que tem mais significado para mim é a dádiva e a bênção que foi a mulher com quem ele se casou: minha mãe” (citado por Holland, *Ensign*, setembro de 1994, p. 16).

FOI UM PAI ATENCIOSO



Thomas e Frances Monson criaram uma família feliz.

“Embora seu pai sempre tivesse sido muito atarefado durante toda a vida deles, os três filhos da família Monson não se consideram desprezados. ‘Os pais das outras crianças pareciam ficar em casa mais do que nosso pai ficava’, lembram eles, ‘mas não pareciam fazer tanto com seus filhos quanto nosso pai fazia conosco. Estávamos sempre fazendo coisas juntos, e nos lembramos disso com muito carinho.’

O filho mais velho da família Monson, Tom, disse que quase não teve tempo livre para passar com o pai durante aqueles anos atarefados da Missão Canadense (somente em três dias daqueles três anos a família Monson conseguiu fazer uma refeição em família, sem a companhia de missionários ou outros convidados da missão). Mesmo assim, todas as noites, antes do jovem Tommy ir para a cama, ele subia até o escritório do pai, e não importava o que o pai estivesse fazendo, ele deixava aquilo de lado para jogar damas com o filho. ‘À sua própria maneira, essa lembrança é tão querida para mim quanto a da ocasião em que, anos mais tarde, meu pai viajou de avião até Louisville, Kentucky, para dar-me uma bênção para que eu sarasse da pneumonia que

havia contraído durante meu treinamento militar básico naquele lugar’, disse Tom.

Ann recorda que (...) ele fazia os filhos sentirem que faziam parte de seu ministério e sempre compartilhava experiências espirituais de suas viagens. ‘Minhas lembranças mais queridas’, diz ela, ‘são as de vê-lo voltar para casa, no domingo à noite, depois de participar de uma conferência de estaca ou de uma visita a uma missão e ouvi-lo contar a inspiração especial que teve ao chamar um patriarca ou as experiências inspiradoras que teve ao entrevistar missionários’. Houve muitas histórias como essas que os filhos da família Monson desfrutavam porque todos os dias, semanas e meses o pai tinha inspiração e sentimentos especiais relacionados a chamados a serem feitos e medidas a serem tomadas.

Clark ficou profundamente tocado quando, num dia típico de pescaria da família Monson, o pai pediu-lhe que recolhesse a linha por um instante. Quando as linhas de pesca foram recolhidas e as varas deixadas de lado no barco, o irmão Monson disse: ‘Daqui a uns cinco minutos, seu irmão Tom vai fazer o exame da ordem para poder exercer sua profissão de advogado. Ele se esforçou muito nesses três anos da faculdade de direito e deve estar um pouco apreensivo. Vamos ajoelhar-nos aqui no barco. Vou fazer uma oração por ele, e depois você fará uma também.’

‘Foi uma das maiores experiências da minha vida’, contou Clark, tempos depois. Ele também se sentiu profundamente tocado, anos mais tarde, quando o pai deu a volta no carro e dirigiu sessenta quilômetros para fora de seu caminho para deixar que Clark visse um ninho de falcão, perto de Randolph, Utah. ‘Acho que não devia surpreender-me por ele fazer isso. É exatamente o tipo de coisa que ele tem feito a vida inteira para os que ele vê que estão necessitados’” (Holland, *Ensign*, fevereiro de 1986, pp. 16–17).

Anos depois, o Presidente Thomas S. Monson disse aos pais: “Gostaria de encorajá-los a estarem disponíveis para seus filhos. Ouvi dizer que nenhum homem, ao chegar a hora da morte, declarou que desejaria ter passado mais tempo no escritório”. Ele então aconselhou: “Meus irmãos e irmãs, o tempo que vocês despendem com seus filhos passa muito rapidamente. Não adiem os momentos para estarem com eles” (*Conference Report*, abril de 2005, p. 21; ou *Ensign* e *A Liahona*, maio de 2005, p. 21).



A família Monson em 1982

FOI UM HOMEM DE FÉ

Ann Monson Dibb narrou este relato da fé exercida pelo pai:

“Um vigoroso exemplo da fé exercida por meu pai aconteceu depois que minha mãe sofreu um acidente grave. Ela caiu, bateu a cabeça e ficou em coma por três semanas. Meu pai ficou muito preocupado e orava sem cessar. Foi-lhe reservado um pequeno quarto no hospital, chamado Quarto de Consolo, e todo o seu trabalho foi enviado para lá. Ele visitava minha mãe de hora em hora e falava com ela. Sua fé e orações foram respondidas. Ela despertou do coma.

Pouco depois, o médico dela começou a explicar a meu pai e a mim o que poderíamos esperar em termos de recuperação. Ele não estava muito otimista. Meu pai interrompeu o médico no meio da frase e perguntou: ‘Doutor, você tem fé? Acredita em milagres?’ O médico gaguejou e não soube o que responder. Então, meu pai prosseguiu, dizendo: ‘Bom, eu sim. Vamos continuar a exercer nossa fé. Vamos orar. Frances vai estar nas mãos do Senhor, e juntamente com todo o auxílio médico competente, acreditamos que o Senhor vai ajudá-la a se recuperar’.

Com o passar do tempo, com fisioterapia e muitos cuidados minha mãe teve uma recuperação notável. Ao verem o resultado, vários profissionais da área médica reconheceram que a recuperação de minha mãe foi um milagre” (“My Father Is a Prophet” [devocional da Universidade Brigham Young–Idaho, 19 de fevereiro de 2008]).

DEMONSTROU COMPAIXÃO AOS MENOS AFORTUNADOS

Ann Monson Dibb narrou este exemplo de como aprendeu com o pai a ter compaixão:

“Meu pai tem amigos de todo tipo. Gostaria de contar-lhes sobre um dos amigos de meu pai que seria considerado por alguns como ‘o menor destes meus pequeninos irmãos’. Seu nome era Ed Erickson. Ele tinha quase vinte anos mais que o meu pai. Ed nasceu prematuro e sofreu algumas complicações que acompanham o parto prematuro há quase um século. Ed não conseguia ver muito bem e nunca teve a oportunidade de estudar numa universidade. Mesmo assim, meu pai dizia que Ed sempre tinha as escrituras abertas ao lado de sua cadeira de leitura. Ele começou a trabalhar ainda bem jovem para ajudar a sustentar a mãe, que era viúva. Trabalhou no departamento de manutenção de ruas de Salt Lake City fazendo trabalho braçal a vida inteira. Não se casou, nunca dirigiu um carro e, mesmo aos 90 anos de idade, sempre andava a pé, geralmente cerca de treze quilômetros todos os dias. (...)”

Meu pai era um amigo leal e se empenhava em encontrar maneiras de fazer com que Ed se sentisse valorizado. Meu pai frequentemente contratava o Ed para ajudá-lo a limpar os poleiros dos pombos e fazer tarefas braçais em nosso quintal, que era muito grande.

Confesso que nem sempre me sentia à vontade com o Ed por perto. Ele era um homem muito grande, parecia diferente dos outros e não conversava muito. O Ed simplesmente fazia seu serviço, jantava conosco e então meu pai o levava para casa. Isso acontecia várias vezes durante o ano. Anos mais tarde, quando meu pai conseguia ingressos para levar os netos ao circo ou ao rodeio, Ed sempre ia junto, compartilhando nossa pipoca e bebidas.

Fiquei impressionada quando a revista *Salt Lake City Magazine* publicou um artigo sobre meu pai, e Ed Erickson foi citado na reportagem. Ele prestou o maior tributo que já li a respeito do meu pai. Ele disse:

‘Se o próprio Senhor e Salvador Jesus Cristo tivesse escolhido um apóstolo, não teria feito escolha melhor do que a que o irmão McKay fez quando escolheu Tom Monson’” (“My Father Is a Prophet” [devocional da Universidade Brigham Young–Idaho, 19 de fevereiro de 2008]).

O Élder Thomas S. Monson, quando era membro do Quórum dos Doze Apóstolos, ensinou o seguinte em uma conferência geral da Igreja: “Ao decidirmos ministrar com mais diligência aos necessitados, lembremo-nos de incluir nossos filhos nessas lições de vida” (*Conference Report*, abril de 1981, p. 66; ou *Ensign*, maio de 1981, p. 47).

COMO BISPO ATENCIOSO, ELE BUSCOU OS MENOS ATIVOS

Aos 22 anos de idade, menos de dois anos após ter-se casado, Thomas S. Monson foi apoiado como bispo de sua ala. Assim como fizera como portador do Sacerdócio Aarônico, ele buscou os menos ativos para trazê-los de volta ao redil. Ele descreve como buscou um jovem sacerdote de sua ala que estava faltando às reuniões do quórum do sacerdócio:

“Quando eu servia como bispo, notei certo domingo que um de nossos sacerdotes estava ausente na reunião do sacerdócio. Deixei o quórum aos cuidados de um consultor e fui até a casa do Richard fazer-lhe uma visita. A mãe disse que ele estava trabalhando na oficina West Temple.

Fui de carro até a oficina, em busca do Richard, e procurei em toda parte, mas não consegui encontrá-lo. De repente, tive a inspiração de olhar dentro do antigo poço de troca de óleo, ao lado do prédio. Ali

no escuro, enxerguei dois olhos que brilhavam. Então, ouvi o Richard dizer: ‘Você me encontrou, bispo! Já vou sair’. Depois daquilo, ele raramente faltou a uma reunião do sacerdócio”. O Presidente Monson prosseguiu dizendo que depois daquela ocasião no poço de troca de óleo, Richard serviu em uma missão de tempo integral no México e mais tarde serviu como bispo (*Conference Report*, abril de 1997, p. 65; ou *Ensign*, maio de 1997, p. 46).

APRENDEU A DAR OUVIDOS AOS SUSSURROS DO ESPÍRITO

Thomas S. Monson aprendeu a importância de dar ouvidos aos sussuros do Espírito:

“Aos 23 anos de idade, Tom Monson, que era um bispo relativamente jovem da ala Sessenta e Sete da Estaca Temple View, começou a sentir uma inquietação incomum, durante a reunião de liderança do sacerdócio da estaca. Teve a nítida sensação de que devia sair imediatamente da reunião e ir de carro até o Hospital dos Veteranos, que ficava na parte alta das avenidas de Salt Lake City. Antes de sair de casa, naquela noite, ele recebera um telefonema informando que um membro idoso de sua ala estava doente e tinha sido hospitalizado. A pessoa que ligou havia perguntado se o bispo poderia ir até o hospital dar-lhe uma bênção. O jovem líder atarefado explicou que estava a caminho de uma reunião da estaca, mas que sem dúvida teria prazer em ir até o hospital assim que a reunião terminasse.

A impressão se tornou mais forte do que nunca: ‘Saia já da reunião e vá imediatamente ao hospital’. Mas o próprio presidente da estaca estava falando ao púlpito! Seria muito indelicado levantar-se no meio do discurso do líder presidente, passar por toda uma fileira de irmãos e sair do prédio. Dolorosamente, ele esperou até o fim da mensagem do presidente, então correu para a porta antes mesmo da última oração.

Correndo pelo saguão do quarto andar do hospital, o jovem bispo viu uma agitação no lado de fora do quarto a que se dirigia. Uma enfermeira o parou e perguntou: ‘Você é o bispo Monson?’

‘Sou’, foi a resposta ansiosa.

‘Sinto muito’, disse ela. ‘O paciente estava chamando seu nome pouco antes de falecer.’

Lutando para conter as lágrimas, Thomas S. Monson virou-se e caminhou para a rua escura. Prometeu naquele momento que nunca mais deixaria de obedecer a uma inspiração do Senhor. Ele prometeu que reconheceria a inspiração do Espírito quando ela chegasse e a seguiria para onde quer que ela o levasse, para sempre estar ‘a serviço do Senhor’” (Holland, *Ensign*, fevereiro de 1986, p. 11).



Thomas S. Monson na época em que era bispo

Thomas S. Monson com colegas de trabalho na *Deseret News Press*

“TODAS SABIAM QUE ELE VIRIA, E ELE SEMPRE APARECIA”

Thomas S. Monson praticava a “religião pura” descrita em Tiago 1:27; aceitava alegremente a responsabilidade de “visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações”. Como jovem bispo de uma ala com mais de mil membros, ele cuidou de 87 viúvas (ver *Conference Report*, outubro de 2005, p. 62; ou *Ensign*, novembro de 2005, p. 59). Desde o primeiro ano de seu chamado, até que a última das viúvas faleceu, ele e a mulher visitaram cada uma delas no Natal, sempre levando um presente individual para cada uma. “Nos primeiros anos, o presente que ele levava para elas era um frango da raça Barred Plymouth Rock ou Rhode Island, que ele criava em seu próprio galinheiro e que ele mesmo preparava” (Holland, *Ensign*, fevereiro de 1986, p. 12).

“Seu amigo de longa data, John Burt, disse: ‘A atenção que Tom dava às viúvas de sua ala, que eram 87, é um exemplo de sua lealdade e devoção às pessoas. Quando éramos desobrigados como bispos, nós simplesmente passávamos a preocupar-nos com a nova tarefa e deixávamos as viúvas a cargo de nossos sucessores. Tom, não. Ele encontrava tempo para continuar a visitá-las [mesmo depois de ser desobrigado]. Ele é o homem mais leal que conheço.’ (...)”

Em um dos muitos asilos de Salt Lake City, que ele veio a conhecer muito bem, encontrou uma das irmãs de sua ala, só e calada, no quarto que tornava seu mundo ainda mais escuro, pois começava a ficar cega. Quando o Presidente Monson se aproximou, ela estendeu a mão com dificuldade, tateando à procura da mão do único visitante que tivera na época do Natal. ‘Bispo, é você?’ perguntou ela. ‘Sim, querida Hattie, sou eu.’ ‘Oh! Bispo’, lágrimas correram de seus olhos sem visão, ‘sabia que *você* viria.’ Todas sabiam que ele viria, e ele sempre aparecia” (Holland, *Ensign*, setembro de 1994, pp. 13–14).



O bispo Thomas S. Monson com seus conselheiros

“TENHA CORAGEM, MEU RAPAZ, DE DIZER SIM”

O Presidente Thomas S. Monson contou a seguinte experiência que teve em seu chamado como conselheiro na presidência da estaca Temple View:

“Eu servia como bispo na época. A sessão geral de nossa conferência de estaca estava sendo realizada no Assembly Hall, na Praça do Templo, em Salt Lake City. A presidência da nossa estaca seria reorganizada. O Sacerdócio Aarônico e os membros dos bispados eram responsáveis pela música da conferência. Ao terminarmos de cantar nosso primeiro hino, o Presidente Joseph Fielding Smith, que era a autoridade visitante, subiu ao púlpito e leu para voto de apoio os nomes da nova presidência da estaca. Então disse que Percy Fetzer, que se tornara o novo presidente da estaca, e John Burt, o novo primeiro conselheiro — que eram conselheiros na presidência desobrigada — foram informados a respeito do novo chamado antes do início da conferência. Todavia, eu, que havia sido chamado como o segundo conselheiro na nova presidência, não fora previamente informado, e estava ouvindo meu nome assim como a congregação, pela primeira vez. Depois, acrescentou: ‘Se o irmão Monson estiver disposto a atender a esse chamado, teremos o imenso prazer de ouvi-lo agora’.

Quando subi ao púlpito e olhei para aquela multidão de rostos, lembrei-me do hino que tínhamos acabado de cantar. Referia-se à Palavra de Sabedoria e chamava-se: ‘Tenha Coragem, Meu Rapaz, de Dizer Não’. Naquele dia escolhi, como tema de meu discurso de aceitação, ‘Tenha Coragem, Meu Rapaz, de Dizer Sim’. Somos todos constantemente conclamados a ter coragem: coragem para defender firmemente nossas convicções, coragem para cumprir nossas responsabilidades, coragem para honrar nosso sacerdócio” (*Conference Report*, abril de 2007, p. 58; ou *Ensign* e *A Liahona*, maio de 2007, p. 57).

FOI CHAMADO PARA PRESIDENTE DE MISSÃO

A carreira profissional de Thomas S. Monson “no campo da publicidade e da administração de empresas (...) foi interrompida quando ele foi chamado para servir na Missão Canadense, de 1959 a 1962. A missão abrangia uma grande área geográfica, sem estacas e com poucos edifícios adequados.

‘Ele exerceu extraordinária influência naquela missão’, lembra um de seus antigos missionários F. Wayne Chamberlain. ‘Ele era mais jovem do que muitos missionários de tempo integral. Mas assim que chegou a Toronto, assumiu a direção. Depois de uma rápida viagem por toda a missão, ele sabia o nome de cada missionário e conhecia muitos dos membros. Levantou o ânimo de todos, em todo lugar por que passava: deu vida a toda a missão. Pelo que vi ali, acredito realmente que ele poderia ter-se tornado um diretor executivo de sucesso em qualquer das mais importantes empresas do mundo’. É desnecessário dizer, mas a obra da Igreja desenvolveu-se muito no Leste do Canadá sob a direção daquele jovem presidente” (Holland, *Ensign*, fevereiro de 1986, p. 14).

FOI CHAMADO PARA SER APÓSTOLO



Thomas S. Monson na época de seu chamado para o Quórum dos Doze Apóstolos

Ao ser chamado para o cargo de Apóstolo pelo Presidente David O. McKay aos 36 anos de idade, Thomas S. Monson era dezesete anos mais novo que o mais jovem dos outros membros do Quórum dos Doze Apóstolos. Em seu primeiro discurso em uma conferência geral da Igreja, ele disse:

“Há alguns anos, subi a este púlpito e vi uma

pequena tabuleta que só o orador podia ver, e as palavras da tabuleta diziam: ‘Quem subir a este púlpito, seja humilde’. Como oro a meu Pai Celestial que eu jamais me esqueça da lição que aprendi naquele dia! (...)”

Minha sincera oração hoje, Presidente McKay, é que eu sempre lhe obedeça e também obedeça a estes meus irmãos. Empenho minha vida, tudo o que tenho. Vou-me esforçar com o máximo de minha capacidade para ser o que vocês quiserem que eu seja” (*Conference Report*, outubro de 1963, p. 14).

SEU MINISTÉRIO DISTINGUIU-SE PELA OBEDIÊNCIA AOS SUSSURROS DO ESPÍRITO A SERVIÇO DO INDIVÍDUO



Thomas S. Monson com o Presidente David O. McKay e um homem não identificado

O Élder Jeffrey R. Holland do Quórum dos Doze Apóstolos contou a seguinte experiência que ilustra o compromisso do Presidente Monson em seguir os sussurros do Espírito e estender a mão compassiva para as pessoas individualmente:

“O escritório do Presidente Monson recebeu o telefonema do filho de uma senhora de 82 anos que estava à beira da morte. O último e único pedido da mãe era conhecer sua ‘Autoridade Geral favorita’ antes de morrer. (...) Uma das secretárias atendeu a esse telefonema, anotou cuidadosamente os detalhes e prometeu transmitir o recado ao Presidente Monson. Também mencionou educadamente que os compromissos do Presidente Monson eram muito numerosos, por isso a irmã idosa certamente seria lembrada nas orações do Presidente Monson, mesmo que ele não tivesse como fazer-lhe uma visita pessoal. O filho dedicado desligou o telefone, muito grato e totalmente satisfeito com a resposta.

O recado foi dado. A agenda, repleta de compromissos, como sempre, impossibilitava uma visita. À medida que o dia passava, o Presidente Monson começou a sentir-se inquieto. A noite foi ainda pior. No dia seguinte, não pôde resistir. Entrou no carro e rumou para um endereço desconhecido, a fim de visitar uma irmã à beira da morte que jamais vira.

Seguindo seu caminho por ruas e estradas secundárias e bairros totalmente estranhos, o Presidente Monson acabou chegando a seu destino. Bateu na porta, apresentou-se ao filho, que ficou muito surpreso, e entregou-lhe um vaso de flores que comprou para a ocasião. Foi levado a um quarto simples, onde uma amiga recém-conhecida estava em estado quase de coma, entre a vida e a morte. Serenamente, o Presidente

Monson sentou-se à beira do leito e segurou-lhe a mão. Conversou carinhosamente com ela por muito tempo a respeito de uma ampla gama de princípios do evangelho. (...) Foi-lhe dada uma bênção, e o Presidente Monson, que notou, mas não mencionou a moldura com uma foto sua sobre o humilde console da lareira, pediu licença e deixou o quarto. A querida irmã faleceu nove horas mais tarde, tendo realizado o grande e último desejo de sua vida. (...) A obediência a esses sussurros espirituais, frequentemente em momentos breves e decisivos, tornou-se uma das características mais importantes da vida e do ministério de Thomas S. Monson” (*Ensign*, setembro de 1994, p. 14).

SEMPRE CUIDOU DOS ENFERMOS E AFLITOS

O Presidente Dieter F. Uchtdorf da Primeira Presidência contou uma experiência que ilustra o amor e a compaixão do Presidente Thomas S. Monson:

“Há alguns anos, o Presidente Monson esteve em uma conferência regional em Hamburgo, Alemanha, e tive a honra de acompanhá-lo. O Presidente Monson tem uma memória incrível e conversamos sobre muitos membros da Igreja da Alemanha: fiquei admirado por ele se lembrar tão bem de tantos deles.

O Presidente Monson pediu notícias do irmão Michael Panitsch, ex-presidente de estaca e na época patriarca, um dos valentes pioneiros da Igreja na Alemanha. Respondi que o irmão Panitsch estava gravemente enfermo, acamado, impossibilitado de frequentar as reuniões.

O Presidente Monson perguntou se poderíamos fazer-lhe uma visita.

Eu sabia que, pouco antes da viagem a Hamburgo o Presidente Monson operara o pé e sentia muita dor ao caminhar. Expliquei que o irmão Panitsch morava no quinto andar de um prédio sem elevadores. Teríamos de subir as escadas para vê-lo.

Mas o Presidente Monson insistiu. Assim, fomos.

Lembro-me da dificuldade do Presidente Monson para galgar os degraus. Só conseguia subir alguns por vez e então precisava parar para descansar. Contudo, não pronunciou uma única palavra de reclamação nem recuou. (...)

Foi uma visita maravilhosa. O Presidente Monson agradeceu [ao irmão Panitsch] por sua vida de serviço dedicado e lhe instilou ânimo com seu sorriso. Antes de irmos embora, deixou uma inesquecível bênção do sacerdócio. (...)

O Presidente Monson poderia ter preferido descansar no intervalo das longas e numerosas reuniões ou pedido para fazer um pouco de turismo na bela Cidade de Hamburgo. Sempre me admirei por ele, em meio a tantos locais a visitar, ter escolhido acima de tudo ir ver

um membro da Igreja, fragilizado e doente, que servira fiel e humildemente ao Senhor.

O Presidente Monson foi a Hamburgo para ensinar e abençoar o povo do país, e é isso o que fez. Mas, ao mesmo tempo, concentrou-se em cada pessoa, uma a uma. Sua visão é tão ampla e abrangente que compreende as complexidades de uma Igreja mundial, mas ainda assim é compassivo o bastante para dar atenção a cada indivíduo” (*Conference Report*, abril de 2008, pp. 70–71; ou *Ensign e A Liahona*, maio de 2008, pp. 69–70).

TRABALHO NA EDIÇÃO SUD DAS ESCRITURAS

Como membro do Quórum dos Doze Apóstolos, o Élder Thomas S. Monson foi presidente do Comitê de Publicação de Escrituras que supervisionou o desenvolvimento da edição SUD da versão do rei Jaime da Bíblia. Com seus muitos anos de experiência no ramo de publicação e impressão, o Élder Monson desempenhou um papel-chave nesse comitê. Publicada pela primeira vez em 1979, a edição do rei Jaime da Bíblia continha referências remissivas ao Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Os recursos também incluíam um sistema inovador de notas de rodapé, um guia de tópicos, um dicionário bíblico, mapas e novos cabeçalhos dos capítulos. Mais de 600 passagens da Tradução de Joseph Smith da Bíblia também foram incluídas nessa edição da Bíblia.

Na conferência geral de outubro de 1982, o Élder Boyd K. Packer, antes de se tornar Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, fez o anúncio oficial de que a publicação das novas edições do Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor tinha sido iniciada em 1981 e que o subtítulo “Outro Testamento de Jesus Cristo” fora acrescentado ao Livro de Mórmon (ver *Conference Report*, outubro de 1982, p. 75; ou *Ensign*, novembro de 1982, p. 53).

Essas novas edições renovaram o interesse pelas escrituras e ajudaram a mudar a maneira pela qual os membros da Igreja as estudavam. A respeito de seu trabalho no comitê, o Presidente Monson escreveu mais tarde em seu diário: “Essa foi uma das mais importantes contribuições durante meu serviço como autoridade geral”. Tempos depois, ele disse: “A obra foi prodigiosa. Acho que foi um dos melhores projetos que já vi” (citado por Ted Walch, “New Edition of Scriptures Was Unifying Force”, *Deseret News*, 26 de fevereiro de 2005, B4).



Grant Heaton, © 1986 IRI

SERVIU A IGREJA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ



O Quórum dos Doze Apóstolos em 1970

Em 1968, a Alemanha Oriental, oficialmente denominada República Democrática Alemã, estava sob o governo comunista. A religião era reprimida em todo o país. Naquele ano, o Élder Thomas S. Monson fez sua primeira visita àquele país para reunir-se com os membros da Igreja. Tempos depois, ele lembrou:

“Reunimo-nos num pequeno e antigo prédio. Ao entoarem os hinos de Sião, os membros literalmente encheram o recinto com sua fé e devoção.

Meu coração angustiou-se sabendo que os membros não contavam com um patriarca, nem estacas ou alas — apenas ramos. Não podiam receber as bênçãos do templo — nem investidura nem selamento. Havia muito tempo que não tinham a presença de um representante oficial da sede da Igreja. Os membros não podiam sair de seu país. Ainda assim, confiavam no Senhor de todo o coração.

De pé ao púlpito, com olhos marejados e a voz embargada de emoção, fiz uma promessa àquele povo: ‘Se permanecerem fiéis aos mandamentos de Deus, vocês terão as mesmas bênçãos que todo membro da Igreja desfruta em qualquer outro país’. Então, dei-me conta do que acabara de dizer. Naquela noite, caí de joelhos e implorei ao Pai Celestial: ‘Pai, estou a Teu serviço; esta é a Tua Igreja. Proferi palavras que não foram minhas, mas vieram de Ti e de Teu Filho. Rogo que cumpras a promessa na vida deste Teu nobre povo’. Assim terminou minha primeira visita à República Democrática Alemã.”

Sete anos depois, o Élder Monson voltou para rededicar o país para a pregação do evangelho:

“Numa manhã de domingo, 27 de abril de 1975, fiquei de pé no alto de um penhasco bem acima do rio Elba, entre as Cidades de Dresden e Meissen, e ofereci uma prece em favor da terra e de seu povo. Naquela oração, atentei para a fé dos membros. Destaquei os

ternos sentimentos de muitos corações repletos do ardente desejo de receber as bênçãos do templo. Fiz um apelo em prol da paz. Implorei o auxílio divino. Eu disse: ‘Amado Pai, permite que este momento seja o início de um novo dia para os membros da Tua Igreja neste país’.

De repente, lá do fundo do vale ouviu-se o repicar do sino de uma igreja, e o estridente canto de um galo rompeu a quietude matinal, ambos anunciando o raiar de um novo dia.”

Juntamente com outros líderes locais e gerais da Igreja, o Élder Monson reuniu-se muitas vezes com líderes governamentais para permitir que as bênçãos do templo fossem acessíveis aos santos da Alemanha Oriental: “Estudamos cada possibilidade. Uma única viagem ao templo da Suíça? O governo não aprovaria. Talvez pai e mãe pudessem ir à Suíça, deixando os filhos em casa. Não daria certo. Como seria possível selar os filhos aos pais sem estarem ajoelhados juntos no altar? Era uma situação trágica. Então, por meio do jejum e de orações de muitos membros, e de forma muito natural, os líderes do governo propuseram: Em vez de os membros irem ao templo da Suíça, por que vocês não constroem um templo aqui na República Democrática Alemã? A proposta foi aceita. Um terreno muito bom foi escolhido em Freiberg e realizamos a abertura de terra para a construção de um belo templo de Deus.”

O Templo de Freiberg Alemanha foi dedicado em 29 de junho de 1985. “Acontecera o milagre dos milagres. Faltava mais uma coisa. Como a Igreja poderia expandir-se sem missionários?”

O Élder Monson e outros líderes da Igreja procuraram obter “permissão para o início da obra missionária”.

Relembrando uma reunião ocorrida em 1988, com os líderes da República Democrática Alemã, na qual as autoridades da Igreja procuraram obter privilégios missionários dentro das fronteiras daquele país sob domínio comunista, o Presidente Monson disse:

“O presidente [Erich] Honecker [o chefe da nação] começou, dizendo: ‘Sabemos que os membros de sua Igreja acreditam no trabalho; vocês provaram isso. Sabemos que acreditam na família; vocês demonstraram isso. Sabemos que são bons cidadãos em qualquer país que têm por pátria; nós observamos isso. Dou-lhes a palavra. Digam o que desejam’.



Templo de Freiberg Alemanha

Comecei, dizendo: ‘Presidente Honecker, na dedicação e visitação pública do templo de Freiberg, 89.890 de seus compatriotas permaneceram em fila, às vezes até quatro horas, muitas vezes debaixo de chuva, para poderem ver uma casa de Deus. Na Cidade de Leipzig, na dedicação da sede da estaca, 12.000 pessoas visitaram o prédio. Na Cidade de Dresden, houve 29.000 visitantes; na Cidade de Zwickau, 5.300. E todas as semanas do ano, de 1.500 a 1.800 pessoas visitam os jardins do templo na Cidade Freiberg. Querem saber no que acreditamos. Gostaríamos de contar-lhes que acreditamos na honra, obediência e apoio à lei do país. Gostaríamos de explicar-lhes nosso desejo de criar unidades familiares fortes. Essas são apenas duas de nossas crenças. Não podemos responder a perguntas nem transmitir o que sentimos, porque não temos representantes missionários como em outros países. Os rapazes e moças que gostaríamos de enviar ao seu país como missionários amariam sua nação e seu povo. Mais particularmente, deixariam com seu povo uma influência enobrecedora. E gostaríamos de ver rapazes e moças de sua nação e que são membros da Igreja servirem como representantes missionários em outros países, como nos Estados Unidos, no Canadá e em vários outros. Eles voltarão mais preparados para assumir cargos de responsabilidade em seu país’.

O presidente Honecker falou, então, por uns trinta minutos, descrevendo seus objetivos e pontos de vista e pormenorizando o progresso que seu país atingira. Por fim, sorriu e dirigindo-se a mim e a meu grupo, dizendo: ‘Conhecemos vocês. Confiamos em vocês. Temos experiência com vocês. Seu pedido referente aos missionários está aprovado.’ (...)

Terminara a noite sombria. A clara luz do dia despontara. O evangelho de Jesus Cristo seria levado agora a milhões de pessoas daquela nação” (*Conference Report*, abril de 1989, pp. 66–69; ou *Ensign*, maio de 1989, pp. 50–52).

Em 30 de março de 1989, os primeiros missionários de tempo integral chamados para servir na República Democrática Alemã entraram naquele país. Em 28 de maio de 1989, os missionários de tempo integral chamados da República Democrática Alemã chegaram ao Centro de Treinamento Missionário de Provo para iniciar seu trabalho. Isso tudo aconteceu antes do início da derrubada do Muro de Berlim, em 9 de novembro de 1989.

FOI CHAMADO PARA CONSELHEIRO NA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Em novembro de 1985, depois de servir por 22 anos no Quórum dos Doze Apóstolos, Thomas S.

Monson foi chamado para ser o segundo conselheiro do Presidente Ezra Taft Benson (1899–1994). Em junho de 1994, foi chamado para ser o segundo conselheiro do Presidente Howard W. Hunter (1907–1995) e em março de 1995 foi chamado para ser o primeiro conselheiro do Presidente Gordon B. Hinckley (1910–2008) totalizando um período de 22 anos como conselheiro de três presidentes da Igreja.

O Élder Bruce R. McConkie (1915–1985) do Quórum dos Doze Apóstolos descreveu o Presidente Monson como “um gênio no governo da Igreja” (citado por Holland, *Ensign*, setembro de 1994, p. 17). O Élder Boyd K. Packer, antes de se tornar Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos, declarou de modo semelhante: “Ele é um gênio em organização. (...) Se eu tivesse que escolher alguém para administrar com sucesso um assunto importante, passando por todos os canais necessários e fazendo todas as devidas verificações, eu escolheria Tom Monson” (citado em Holland, *Ensign*, fevereiro de 1986, p. 15).

“O SENHOR QUALIFICA A QUEM ELE CHAMA”



Com o Presidente Gordon B. Hinckley e o Presidente Ezra Taft Benson na sessão do sacerdócio da conferência geral de abril de 1989

O Presidente Thomas S. Monson testificou que o Senhor vai ajudar-nos a realizar Sua obra: “Alguns de vocês talvez sejam tímidos por natureza ou se considerem incapazes de aceitar um chamado. Lembrem-se de que esta obra não é apenas sua ou minha. É a obra do Senhor, e quando estamos a serviço do Senhor, temos o direito de receber a ajuda Dele. Lembrem-se de que o Senhor qualifica a quem Ele chama” (*Conference Report*, abril de 1996, p. 62; ou *Ensign*, maio de 1996, p. 44).

ENSINOU OUTROS A SERVIR



Thomas S. Monson no Pacífico Sul

O Presidente Thomas S. Monson incentivou todos a estarem atentos a oportunidades de servir:

“Existem muitos lá fora que sofrem e oram pedindo ajuda. Existem os que estão deprimidos, os que se defrontam com a fragilidade da saúde ou as desesperadoras dificuldades da vida.

Sempre acreditei na verdade contida nas palavras: ‘As mais doces bênçãos de Deus vêm sempre das mãos que O servem neste mundo’. Vamos pois conservar as mãos prontas, limpas e dispostas, para suprir as pessoas com o que nosso Pai Celestial deseja que elas recebam Dele” (*Conference Report*, outubro de 1999, p. 66; ou *A Liahona*, janeiro de 2000, pp. 60–61).

ENSINOU SOBRE A ATIVAÇÃO NO SACERDÓCIO



O presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan cumprimenta Thomas S. Monson

Eu perguntava sempre: ‘Como conseguiram? O que fizeram e como o fizeram?’ (...)

O Presidente Monson ensinou como os portadores do sacerdócio que se afastaram podem ser trazidos de volta à atividade na Igreja:

“Quando eu ia às conferências de estaca como membro dos Doze, sempre tomava nota das estacas que se destacavam por trazer de volta os irmãos cujos talentos e potencial de liderança se encontravam adormecidos.

A fórmula era a mesma, por assim dizer, em todas as estacas bem-sucedidas nessa fase da obra. Consistia em quatro ingredientes: primeiro, concentração de esforços no âmbito da ala; segundo, envolvimento do bispo da ala; terceiro, ensino inspirado; e quarto, envolvimento de poucos casais de cada vez, não trabalhar com todos os irmãos ao mesmo tempo, assim, os que forem sendo reativados podem ajudar a reativar os outros.

Técnicas de venda não são a resposta para a liderança do sacerdócio, mas, sim, a devoção ao dever, esforço contínuo, amor em profusão e espiritualidade pessoal combinam-se para tocar o coração, inspirar a mudança e trazer à mesa do Senhor Seus filhos famintos que têm vagado no deserto do mundo mas que agora retornaram ao ‘lar’” (*Conference Report*, abril de 1994, pp. 69–70 ou *A Liahona*, julho de 1994, pp. 57–58).

FORTALECEU OS QUE VIVERAM TRAGÉDIAS E PASSARAM POR ADVERSIDADES



A Primeira Presidência, outubro de 2005

Aos que estavam desanimados, o Presidente Thomas S. Monson prestou testemunho do amor de Deus:

“Na vida, a doença atinge entes queridos, acidentes deixam marcas cruéis na lembrança, e pernas pequeninas que outrora correram estão confinadas a uma cadeira de rodas.

Mães e pais que aguardam ansiosamente a chegada de um precioso filho, às vezes, veem que nem tudo está bem com o bebezinho. Os pais deparam-se com um membro que falta, olhos cegos, um cérebro

imperfeito ou com o termo ‘Síndrome de Down’ e ficam frustrados, cheios de tristeza, procurando encontrar esperança.

Segue-se a inevitável busca de culpados, a condenação de uma ação descuidada e as eternas perguntas: Por que uma tragédia dessas aconteceu em nossa família? Por que não a fiz ficar em casa? Se pelo menos ele não tivesse ido àquela festa. Como aconteceu isso? Onde estava Deus? Onde estava o anjo da guarda? *Se, por quê, onde, como* — essas palavras insistentes não trazem de volta o filho perdido, o corpo perfeito, os planos dos pais ou os sonhos da juventude. A autopiedade, o retraimento ou o desespero profundo não trarão a paz, a certeza ou a ajuda necessárias. Em vez disso, devemos prosseguir, olhar para cima, seguir adiante e elevar-nos em direção ao céu. (...)

A todos que suportaram silenciosamente a doença, que cuidaram de deficientes físicos ou mentais, que carregaram um fardo pesado, dia após dia, ano após ano, e a vocês, nobres mães e pais dedicados, eu os cumprimento e oro para que as bênçãos de Deus estejam sempre com vocês. Às crianças, particularmente aquelas que não podem correr, brincar ou se divertir, ficam aquelas palavras consoladoras: ‘Ó, crianças, Deus vos ama. Seu amor vos guardará’ (*Hinos*, nº 192). (...)

A qualquer um que, com agonia no coração e tristeza na alma, tenha perguntado: ‘Pai Celestial, estás realmente aí? (...) Tu ouves e atendes a (...) todas as orações?’ (ver *Músicas para Crianças*, p. 6), presto testemunho de que Ele está, sim.

Ele realmente ouve e atende a todas as orações. Seu Filho, o Cristo, rompeu as cadeias de nossas prisões terrenas. As bênçãos dos céus esperam por nós” (*Conference Report*, outubro de 1992, pp. 94, 97; ou *Ensign*, novembro de 1992, pp. 68–70).

NOSSO LAR DEVE SER UM SANTUÁRIO ESPIRITUAL E FÍSICO



Thomas S. Monson com a esposa, Frances, em frente do Templo de Nauvoo Illinois, na ocasião da dedicação — junho de 2002

O Presidente

Thomas S. Monson ensinou que o Espírito de Deus deve habitar em nosso lar:

“É no lar que se formam nossas atitudes e nossas crenças mais profundas. É nele que se acalenta ou destrói a esperança.

Nosso lar deve ser mais do que um santuário; deve ser também um local onde o Espírito de

Deus possa habitar, onde encontremos refúgio contra a tempestade e onde reinem o amor e a paz” (*Conference Report*, outubro de 1999, p. 22; ou *A Liahona*, janeiro de 2000, p. 22).

Em outra ocasião, o Presidente Monson ensinou:

“Felicidade não consiste em regalar-nos no luxo, o conceito mundano de ‘boa vida’. Tampouco devemos procurá-la em locais distantes de nomes estranhos. A felicidade encontra-se no lar.

(...) O lar é o laboratório de nossa vida e o que nele aprendemos determina em grande parte como viveremos depois” (*Conference Report*, outubro de 1988, p. 80; ou *Ensign*, novembro de 1988, p. 69).

VIVER DENTRO DO ORÇAMENTO

Numa época de incertezas econômicas, o Presidente Thomas S. Monson aconselhou os membros da Igreja a viver dentro de seu orçamento:

“Evitem a filosofia e a desculpa de que aquilo que era luxo antigamente se tornou necessidade nos dias atuais. Essas coisas não são necessidades a menos que as consideremos assim. Hoje em dia, muitos de nossos jovens casais querem começar a vida com mais de um carro e tendo o tipo de casa que papai e mamãe trabalharam a vida inteira para conseguir. Consequentemente, fazem dívidas de longo prazo com base nos dois salários. Talvez tarde demais descubrem que mudanças acontecem, as mulheres têm filhos, doenças acometem algumas famílias, os empregos são perdidos, catástrofes naturais e outras situações acontecem, e eles deixam de ser capazes de pagar o empréstimo feito, com base na renda de dois salários.

É fundamental que vivamos dentro de nossos recursos” (*Conference Report*, abril de 2005, p. 20; ou *Ensign* e *A Liahona*, maio de 2005, p. 20).

ENSINOU A IMPORTÂNCIA DE NOSSA INFLUÊNCIA PESSOAL

O Presidente

Thomas S. Monson explicou que não importa nossa situação na vida ou nosso chamado, podemos exercer uma vigorosa influência para o bem:

“O chamado dos primeiros Apóstolos refletiu a influência do Senhor. Quando procurou um homem de fé, Ele não o selecionou dentre a multidão de



O Presidente e a irmã Monson na conferência geral de abril de 2008

hipócritas que eram encontrados regularmente na sinagoga. Ao contrário, Ele o chamou do meio dos pescadores de Cafarnaum. Pedro, André, Tiago e João ouviram o chamado: ‘Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens’ [Mateus 4:19]. Eles O acompanharam. Simão, homem de dúvidas, tornou-se Pedro, Apóstolo de fé.

Quando o Salvador deveria escolher um missionário dedicado e com poder, Ele o encontrou não entre Seus seguidores, mas em meio a Seus adversários. Saulo de Tarso — o perseguidor — tornou-se Paulo, o missionário. O Redentor escolheu homens imperfeitos para ensinar o caminho da perfeição. Ele o fez naquela época; Ele continua a fazê-lo agora.

Ele chama vocês e eu para que O sirvamos aqui na Terra e coloca diante de nós a tarefa que quer que realizemos. O compromisso é total. Não existe conflito de consciência.

Por seguirmos o Homem da Galileia — o Senhor Jesus Cristo — nossa influência pessoal será sentida de forma positiva onde quer que nos encontremos, seja qual for o nosso chamado” (*Conference Report*, abril de 2004, p. 19; ou *Ensign e A Liahona*, maio de 2004, p. 20).

PERMANECER NO CAMINHO DE SEU DESTINO ETERNO

Baseando-se numa história da literatura infantil, o Presidente Thomas S. Monson aconselhou os membros da Igreja a escolher o caminho que conduz à glória celestial:

“Como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nossa meta é a de alcançar a glória celestial.

Não devemos ser indecisos como Alice, no clássico de Lewis Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Vocês se recordam que ela chega a uma encruzilhada, com dois caminhos diante dela, ambos se estendendo para algum lugar, mas em direções opostas. Ela se vê diante do Gato Risonho, a quem Alice pergunta: ‘Que caminho devo seguir?’

O gato responde: ‘Isso depende do lugar aonde quer chegar. Se não sabe para onde quer ir, então pouco importa o caminho que irá seguir’ [adaptado de Lewis Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, 1992, p. 76].



Conversando com Escoteiros

Ao contrário de Alice, todos sabemos para onde queremos ir, e o caminho que queremos tomar *importa*, porque o caminho que tomamos nesta vida, certamente nos levará para a senda que tomaremos a seguir” (*Conference Report*, outubro de 2004, p. 69; ou *Ensign e A Liahona*, novembro de 2004, p. 68).

“O QUE ESTAMOS FAZENDO COM O DIA DE HOJE?”

O Presidente Thomas S. Monson explicou que para termos felicidade amanhã, precisamos trabalhar hoje:

“Quão frágil é a vida, quão certa é a morte. Não sabemos quando será exigido que deixemos esta existência mortal. Então pergunto: ‘O que estamos fazendo com o nosso hoje?’ Se vivermos apenas para o amanhã, teremos hoje, muitos utensílios vazios. Somos nós culpados por declarar: ‘Tenho pensado em fazer algumas mudanças de curso em minha vida. Planejo dar o primeiro passo — amanhã?’ Com tal pensamento, o amanhã é eterno. Esses amanhãs dificilmente chegarão, a menos que façamos algo a respeito deles hoje. Como o conhecido hino ensina:

“Há muita coisa no mundo para se fazer neste momento,

Muitas oportunidades bem à sua frente.

Não as deixe passar dizendo: ‘Tentarei qualquer dia’
Mas vá e faça algo hoje. [“Have I Done Any Good?”

Hymns, nº 223.]

Façamo-nos a seguinte pergunta: ‘Neste mundo, acaso, fiz hoje eu a alguém um favor ou bem? Ajudei alguém necessitado?’ Que fórmula para a felicidade! Que receita para a satisfação, para a paz interior — inspirar gratidão em outro ser humano.

Nossas oportunidades de darmos de nós mesmos são, de fato, ilimitadas, mas elas se desvanecem. Há corações a alegrar. Palavras gentis a se proferir. Presentes a serem dados. Boas ações a serem feitas. Almas a serem salvas” (*Conference Report*, outubro de 2001, p. 72; ou *A Liahona*, janeiro de 2002, p. 69).

DEU CONSELHOS SOBRE COMO ORAR

O Presidente Thomas S. Monson ensinou que lembrar o amor de Deus por nós torna a oração



Falando na conferência geral

sincera mais fácil: “Ao orar, que nos comuniquemos realmente com nosso Pai Celestial. É fácil deixar que nossas orações se tornem repetitivas, expressando palavras com pouco ou nenhum conteúdo. Quando nos lembrarmos de que cada um de nós é literalmente filho ou filha espiritual de Deus, não teremos dificuldade para abordá-Lo em oração. Ele nos conhece; Ele nos ama; Ele quer o que é melhor para nós. Que oremos com sinceridade e significado, oferecendo nossa gratidão e pedindo coisas que sentimos serem necessárias. Que escutemos Suas respostas, para que as reconheçamos, quando chegarem. Fazendo assim, seremos fortalecidos e abençoados. Passaremos a conhecê-Lo e a saber o que Ele deseja para a nossa vida. Por conhecê-Lo, por confiar em Sua vontade, nosso alicerce de fé será reforçado. Se alguém dentre nós tem sido lento para dar ouvidos ao conselho de orar sempre, não há melhor hora para começar do que agora. William Cowper declarou: ‘Satanás treme quando vê ajoelhar-se o mais fraco dos santos’ (William Neil, comp., *Concise Dictionary of Religious Quotations* 1974, p. 144)” (*Conference Report*, outubro de 2006, p. 71; ou *Ensign* e *A Liahona*, novembro de 2006, p. 67).

TORNOU-SE PRESIDENTE DA IGREJA

Em sua primeira conferência geral como Presidente da Igreja, o Presidente Thomas S. Monson testificou sobre sua dependência do Senhor: “Meus amados irmãos e irmãs, há mais de 44 anos, em outubro de 1963, eu estava diante do púlpito no Tabernáculo, logo após ter sido apoiado membro do Quórum dos Doze Apóstolos. Naquela ocasião, mencionei uma pequena placa que havia visto em outro púlpito, com os seguintes dizeres: ‘Quem estiver neste púlpito, seja humilde’. Asseguro-lhes que eu me sentia muito humilde devido ao meu chamado para os Doze, na época. Contudo, ao colocar-me diante deste púlpito hoje, dirijo-me a vocês com a mais profunda e absoluta humildade. Sinto com grande intensidade a minha dependência do Senhor” (*Conference Report*, abril de 2008, p. 86; ou *Ensign* e *A Liahona*, maio de 2008, p. 87).



O Presidente Thomas S. Monson com seus conselheiros, Henry B. Eyring e Dieter F. Uchtdorf

DEUS DIRIGE SEU PROFETA



O Presidente Thomas S. Monson com seus conselheiros, Henry B. Eyring e Dieter F. Uchtdorf, em uma entrevista coletiva anunciando a nova Primeira Presidência ao mundo, 4 de fevereiro de 2008

O Presidente Thomas S. Monson assegurou aos membros que o Senhor dirige Sua Igreja:

“Sei, sem sombra de dúvidas, meus irmãos e irmãs, que Deus vive. Testifico a vocês que esta é Sua obra. Testifico também que nosso Salvador Jesus Cristo dirige esta Igreja que tem o Seu nome. Sei que a mais sublime experiência desta vida é perceber Sua inspiração, quando Ele nos dirige para que levemos adiante Sua obra. Senti essa inspiração quando era um jovem bispo guiado a lares onde havia necessidades espirituais — e talvez físicas. Senti-a novamente como presidente de missão, em Toronto, no Canadá, ao trabalhar com missionários maravilhosos que eram um testemunho vivo para o mundo de que esta obra é divina e de que somos guiados por um profeta. Senti-a durante todo o meu serviço nos Doze e na Primeira Presidência e, agora, como Presidente da Igreja. Testifico que cada um de vocês pode sentir a inspiração do Senhor, se viver de modo digno e esforçar-se para servi-Lo. (...)”

Tenho certeza absoluta (...) de que Deus dirige Seu profeta. Minha sincera oração é que eu possa continuar a ser um digno instrumento em Suas mãos para levar adiante esta grande obra e cumprir as enormes responsabilidades que acompanham o ofício de Presidente” (*Conference Report*, abril de 2008, pp. 86–87; ou *Ensign* e *A Liahona*, maio de 2008, p. 88).

“EU SEI QUE O MEU REDENTOR VIVE”

Ao término de seu discurso sobre a vida e Ressurreição do Senhor Jesus Cristo, o Presidente Thomas S. Monson testificou:

“Irmãos e irmãs, em nossa vida rimos, choramos, trabalhamos, brincamos, amamos, vivemos. E depois morremos. A morte é nossa herança universal. Todos nós atravessaremos seus pórticos algum dia. A morte chama os velhos, os cansados e os debilitados. Mas visita também os jovens no florescer da esperança e no glorioso desabrochar do futuro. Nem as criancinhas são poupadas. Nas palavras do Apóstolo Paulo: ‘aos homens está ordenado morrerem uma vez’ [Hebreus 9:27].

E continuaríamos mortos se não fosse por um Homem e Sua missão: Jesus de Nazaré. Nascido num estábulo, tendo como berço uma manjedoura, Seu nascimento cumpriu os pronunciamentos inspirados de muitos profetas. Ele foi ensinado do alto. Concedeu a vida, a luz e o caminho. Multidões O seguiram. As

crianças O adoravam. Os orgulhosos O rejeitaram. Ele falou por parábolas. Ensinou pelo exemplo. Levou uma vida perfeita. (...)

“De todo o coração e com todo o fervor de minha alma, ergo a voz em testemunho, como uma testemunha especial, e declaro que Deus, de fato, vive. Jesus é o Seu Filho, o Unigênito do Pai na carne. Ele é nosso Redentor, nosso Mediador junto ao Pai. Foi Ele que morreu na cruz para expiar nossos pecados. Tornou-Se as primícias da Ressurreição. Ele morreu para que todos possam viver de novo. ‘Clamemos, hoje, com fervor: “Eu sei que vive meu Senhor!” [“Eu Sei que Vive Meu Senhor”, *Hinos*, nº 70; ver também Jó 19:25]” (*Conference Report*, abril de 2007, pp. 22–23; ou *Ensign e A Liahona*, maio de 2007, pp. 24–25).